

>Como descascar uma laranja ou atos invisíveis de cuidados

>How to peel an Orange

por Amanda Teixeira

Amanda Teixeira é uma artista visual nascida em Porto Alegre/RS. Com mestrado pelo California Institute of the Arts (CalArts) e bacharelado pela UFRGS, sua obra explora ausência e espaços intermediários no cotidiano. Já participou de residências artísticas nos EUA, Islândia e Alemanha. É co-criadora da Azulejo Press, dedicada a livros de artista. Atualmente, divide seu tempo entre Brasil e EUA, desenvolvendo sua prática artística.



01

Meu pai costumava cortar laranjas e me dava as fatias com casca, prontas para comer. Naquela época, eu estava cuidando dele, e seu cuidado comigo se limitava a essas laranjas. Nós dois sentados no sofá florido, o som da TV ao fundo, suas pantufas gastas, conversamos sobre quanto tempo ele ainda estaria aqui. Tu já pensou em ir para o Japão?, ele me perguntou uma vez. Aprendi a descascar laranjas observando-o, em um gesto de cuidado e atenção. Essa casca nem sempre representa uma conversa, mas, às vezes, é o silêncio e tudo o que esse silêncio significa. A linguagem é mais do que a palavra escrita e falada: é um gesto, um sotaque, o olhar, o ritmo e a falta de linguagem. É também o silêncio, a perda, a falta de palavras, a falta de fala, a pele, a textura, o cheiro, coisas que não são palavras.

Este projeto usa diferentes táticas para explorar os espaços entre. Observando os gestos cotidianos e os materiais banais, esta exposição pensa em uma linguagem que, quando falada, todos entendem - pela perda da linguagem ou pela linguagem da perda. Além do que poderia ser descrito como presença e ausência, "how to peel an orange" (como descascar uma laranja) é um processo aberto e assustador do que poderia acontecer no espaço onde ela não está - onde ela perde. Com um fio invisível, esse trabalho parece provisório, mas reivindica algum tipo de território na instabilidade, como se um barco fosse uma ilha.



como descascar uma laranja ou atos invisíveis de cuidados, 2023

98 cascas de laranja, fio dourado, madeira. 90x240x365 cm



I compost my soul in this hot pile. The worms are not human; their undulating bodies ingest and reach, and their feces fertilize worlds. Their tentacles make string figures.

[donna haraway - staying with the trouble]

orange peel
conversations
[conversas sobre
casca de laranja],
2023

silêncios, vídeo
loop de 5 minutos





Um pouco muito

Há algo sobre o qual ainda não falamos, algo sobre a decadência, sobre o colapso que antecipa a ausência. É a falta de suporte em que uma casa de papel é plana e escultural ao mesmo tempo, mas apenas por um tempo antes de cair, dobrar, amassar, rasgar. Durante os segundos em que ela seca sem mofar, fica suspensa sem artifício, pendurada no limite de seu próprio peso. É temporário - e admitir a necessidade de que seja temporário, de que seja rápido, de que exista em qualquer forma, por mais breve que seja, de que exista e resista por uma semana e depois você não sabe, tanto faz. Isso realmente não importa. Pouco importa. Pouco importa. Nos últimos anos, analisei atentamente o que é o Pouco e por que ele é importante - o Pouco é banal, é invisível, é descartado, às vezes é ignorado. Mas é necessário. Meia colher de chá de fermento é pouco, mas é essencial para que o bolo cresça.

Do outro lado do pouco, há o Muito. E eles dançam para frente e para trás, mudando de posição dependendo do contexto. O Muito requer tempo, vontade, coletividade e paciência. Às vezes, o Muito é demais. O excesso pode ser obsessivo, e, às vezes, a obsessão é essencial. Muito pouco, um pouco mais acontece como um acidente, enquanto muito é imposto como uma necessidade. Quando muito pouco é demais, parece uma ausência, a estrutura entra em colapso e se torna uma sombra de si mesma. Quando muito é muito, não há diferença. Quando eles dançam, acontece um acidente necessário e mágico.





*planta baixa da minha sala de estar,
santa clarita 91381, 2023*

papel de construção vermelho, 490x310 cm



The background of the page is a textured, light-colored surface, possibly paper, with several pieces of reddish-brown paper torn and layered on top. These layers create a sense of depth and movement. Dark, soft shadows are cast by the torn paper pieces onto the surface below, adding to the three-dimensional effect. The overall aesthetic is organic and tactile, reminiscent of peeling an orange or handling old documents.

Those ways we have to settle.
Moving house. I hate packing:
collecting myself up, pulling
myself apart. Stripping the body
of the house: the walls, the
floors, the shelves. Then I
arrive, an empty house. It looks
like a shell. How I love
unpacking. Taking things out,
putting things around, arranging
myself all over the walls. I move
around, trying to distribute
myself evenly between rooms. I
concentrate on the kitchen. The
familiar smell of spices fills the
air. I allow the cumin to
spill, and then gather it up
again. I feel flung back somewhere
else. I am never sure where the
smell of spices takes me, as it
has followed me everywhere. Each
smell that gathers returns me
somewhere; I am not always sure
where that somewhere is. Sometimes
the return is welcome, sometimes
not. Sometimes it is tears or
laughter that makes me realize
that I have been pulled to another
place and another time. Such
memories can involve a recognition
of how one's body already feels,
coming after the event. The
surprise when we find ourselves
moved in this way or that. So we
ask the question, later, and it
often seems too late: what is it
that has led me away from the
present, to another place and
another time? How is that
I have arrived here or there?

[sara ahmed - queer phenomenology]



03

Há um _ que é tanto algo quanto nada.

É uma falha, um espaço de luto e perda, uma lacuna de magia e novas práticas de vida possíveis, é atemporal e um espaço para a memória, é um intervalo para o fracasso e o aprendizado. Em uma casa, seria o corredor, mas também as dobradiças e a parte de baixo da porta onde você colocaria um peso de porta, o oco da maçaneta onde sua chave se encaixa quase perfeitamente. É um botão. É o espaço entre os corpos no sofá e o espaço em um estômago vazio. É o molde de um corpo em um travesseiro que recupera sua forma durante o dia, após o despertar. É a respiração, a inspiração e a expiração, e o momento entre, são pulmões vazios. Os hmmm, ooh, aaah e outros sons que você faz antes de dizer algo. É a textura do interior de um crânio. É o cheiro de comida nas mãos e o formato da água quando lavadas. É a pele de cobra e a distância habitada pelas aves migratórias. As folhas finais e a sangra de um livro. O _, suficiente, para mover os dedos dos pés dentro dos sapatos. É a fina camada de poeira em cada objeto e no carpete. É tudo o que já foi comido, a lembrança de não estar lá mas também de nunca ter ido embora.

Atrás de uma pedra, dentro de um livro, vendo através, vendo o interior, frear o tempo.

...the most productive way to overcome this dualism is not to do away with representation (and by extension telos, intentionality, "aboutness," and selfhood), or simply project human kinds of representation elsewhere, but to radically rethink what it is that we take representation to be. To do this, we need first to provincialize language. We need, in Viveiros de Castro's words, to "decolonize thought," in order to see that thinking is not necessarily circumscribed by language, the symbolic, or the human.

[eduardo kohn - how forests think]



Leonardo
Vittore
Miguel
Rafael
Albrecht
Dürer



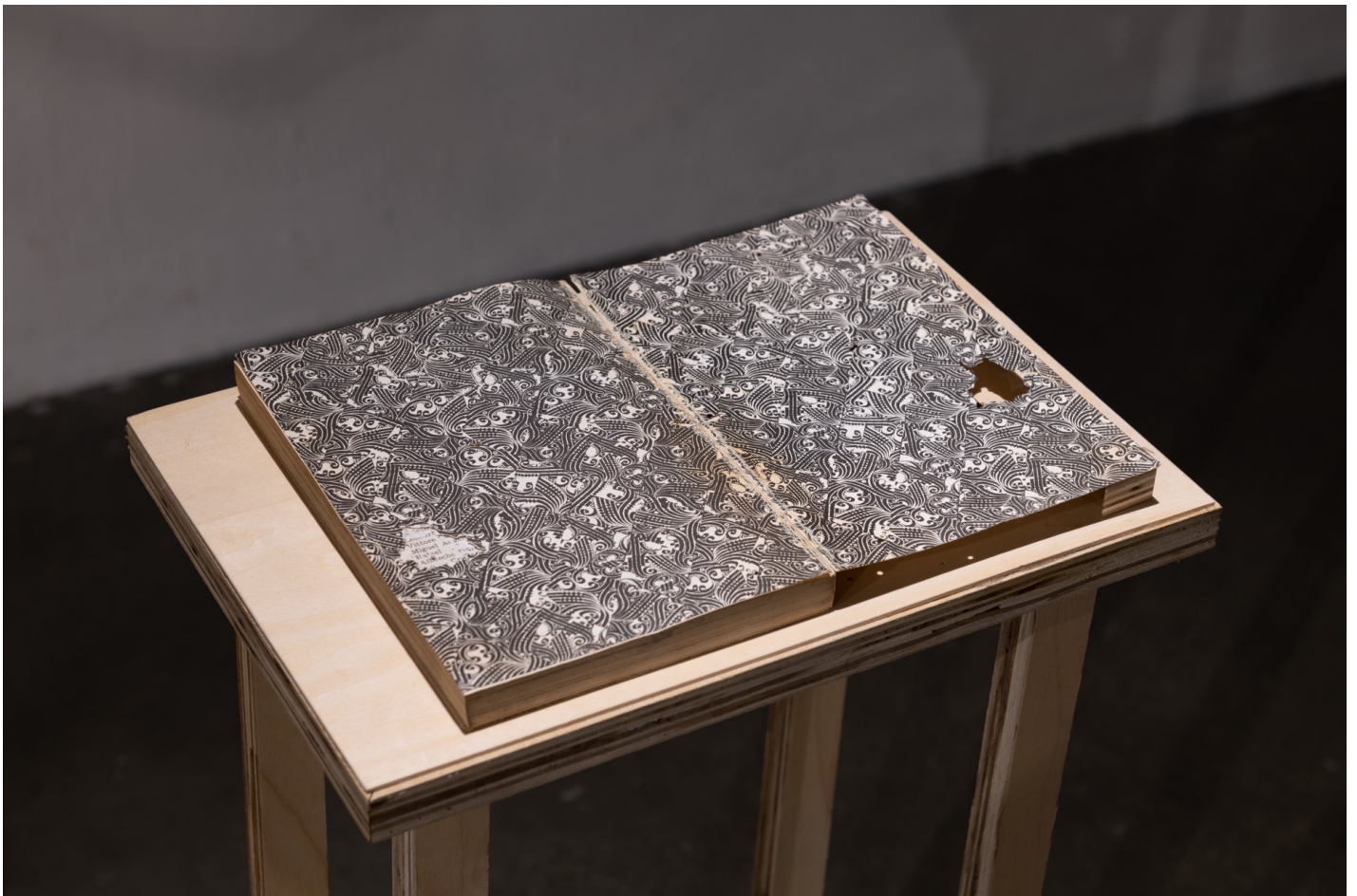
04

O Ministério da Traça

“A Traça pode não entender Medidas ou Instruções. A traça do livro vive em um livro que é maior do que ela, mas não sabe disso. Felizmente, a falta de consciência de seu entorno não impede que a Traça o coma; ela ignora o significado do que está comendo porque não é nada mais do que comida. A Traça não sabe se é um livro de arte, uma enciclopédia britânica, a primeira edição de A Metamorfose de Kafka ou a Bíblia. O sabor de um livro não é definido pelas palavras impressas em sua superfície. Não importa: as traças, as minhocas, os cupins, os vermes dos livros só pensam em comer por necessidade e não por prazer. [...]”

uma traça que comeu a contracapa do catálogo para escapar da tradição da pintura europeia, 2023

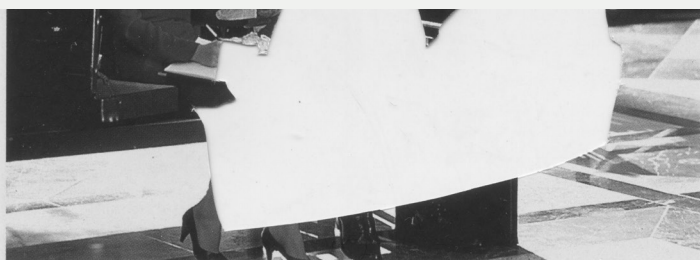
livro apropriado, pedestal



“to refuse to call others to order, to refuse interpellation and the reinstantiation of the law. When we refuse, Moten and Harney suggest, we create dissonance and more importantly, we allow dissonance to continue - when we enter a classroom and we refuse to call it to order, we are allowing study to continue, dissonant study perhaps, disorganized study, but study that precedes our call and will continue after we have left the room. Or, when we listen to music, we must refuse the idea that music happens only when the musician enters and picks up an instrument; music is also the anticipation of the performance and the noises of appreciation it generates and the speaking that happens through and around it, making it and loving it, being in it while listening. And so, when we refuse the call to order - the teacher picking up the book, the conductor raising his baton, the speaker asking for silence, the torturer tightening the noose - we refuse order as the distinction between noise and music, chatter and knowledge, pain and truth.”

[fred moten and stefano harney - undercommons]

58



6968 Ron Chapple



6969 Arthur Tilley



Ouvir os aviões voando, às vezes mais de três ao mesmo tempo, e felizmente há mais pássaros do que aviões. Eles desenham mapas em fumaça no céu, nuvens longas e retas que duram horas e desaparecem. *Castigam os olhos que olham para o que passa no céu e aceitam com astúcia que seu nome é nuvem, sua resposta catalogada na mente.**

Em uma Pasta Verde, cabem um avião, um pássaro, um monumento, todo o campo da biologia e a história da arte que veio antes de nós. Talvez caiba aqueles que continuaram a fazer arte apesar das guerras, das bombas, da chuva, das frutas, dos vistos, dos pássaros, dos passaportes, dos homens e de seus cavalos. Se em um momento elas caem, se nós as fazemos cair e as reescrevemos e as cortamos e escolhemos o que resta, às vezes as fatias, às vezes as cascas, às vezes as peles e às vezes o gesto e o cheiro da laranja que eu gostaria de poder colocar em uma pasta e guardar e enviar para aqueles que estão longe, para as pessoas embaixo da chuva, abrigadas das bombas. Nessas pastas, eles vivem lado a lado como uma edição bilíngue, os mapas que representam um continente e o espaço de fronteiras e paredes e o mapa perfeito que ocupa muito espaço e não cabe mais na Pasta Verde. Talvez enrolado, talvez dobrado, talvez picotado. Na Pasta são vizinhos. [...]

*julio cortázar

anti-índice ou afastamento ou falta de reconhecimento; uma estratégia de controle
2023

48 páginas do catálogo de fotografias da FPG, 1993 (crianças, família, grupos, casais, homens, mulheres, nus), suportes de metal
30x610x5cm



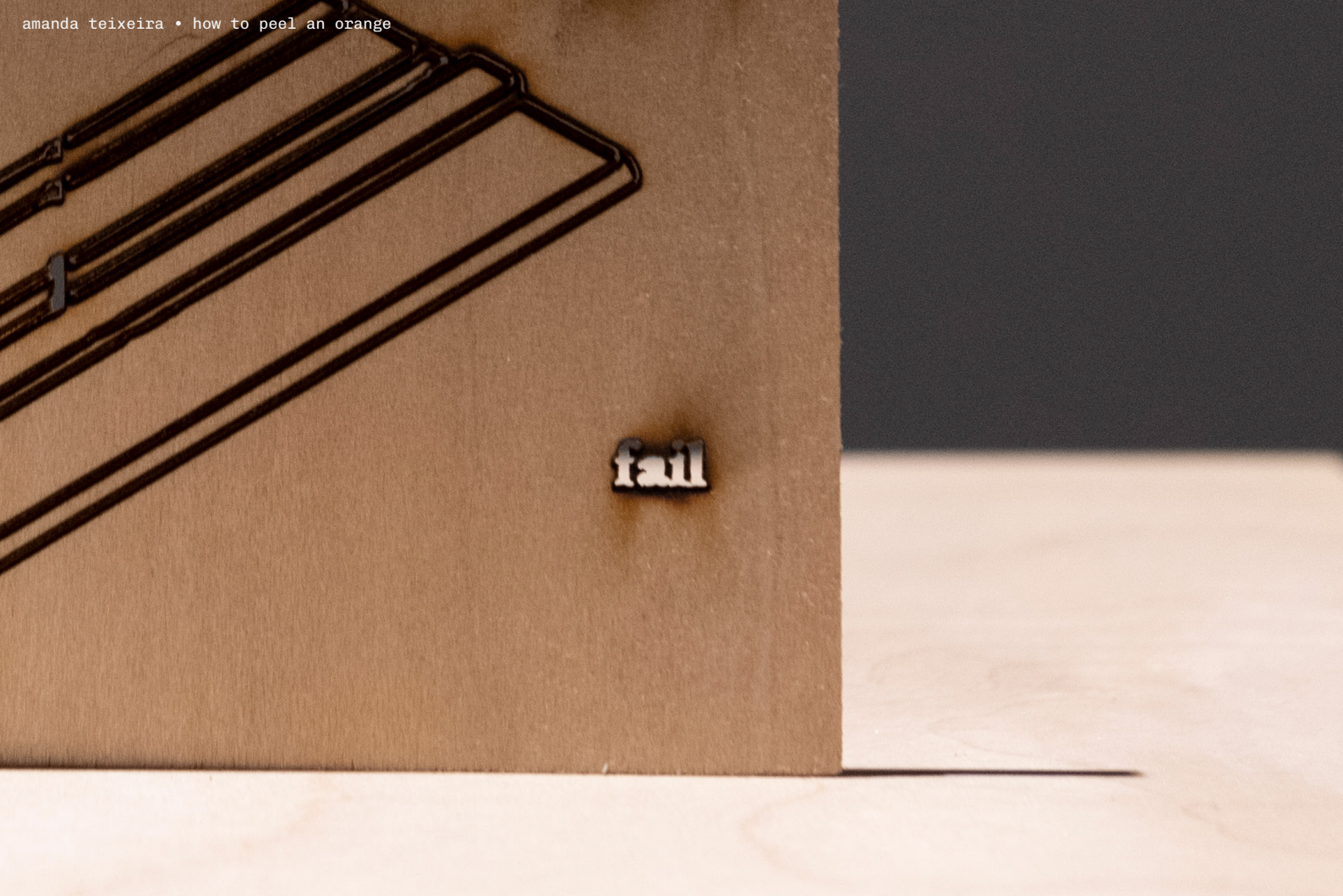
must

have
request
give
provide
report
notify
attend
sign
present



monumento fracassado, 2023

madeira, pedra, glitch. 60x25x24 cm



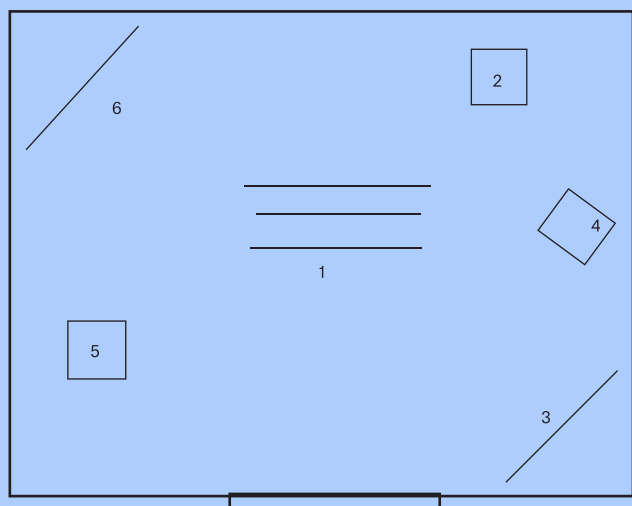
MONUMENTOS

A natureza do monumento é monumental, mo-nu-men-tal, sua escala monumental é maior do que o corpo de quem o vê, é firme no chão, tem uma base, é pesado, tem peso, peso físico, difícil de carregar, impossível de mover, é estável, é maciço, às vezes oco, mas não dando a impressão de, dando a impressão de ser pesado, de ter integridade, de ser verdadeiro, de representar, representando monumentalmente uma verdade. Ele é feito para estar do lado de fora, para ser visto quando você anda na rua, para ser uma referência para uma rua, para ser maior do que uma calçada, ao ar livre, onde não há telhado, onde não há grade, o momento é monumental por si só, ele não precisa, não tem nada acima dele, ele é em si mesmo e isso é suficiente. O monumento não deve ser suspenso, não deve ter uma base oca, não deve ter uma base instável, não deve cair, deve ser firme, deve estar intacto. O monumento não pode tremer com o menor toque ou cair com a menor respiração; se respirar forte, soprar, o monumento não deve cair; em caso de terremoto, não deve cair. Sem tudo isso, o monumento não é um monumento, é outra coisa, é uma ilusão de monumento, é uma lembrança da Torre Eiffel com a ponta lascada depois que o gato a derrubou no chão e brincou com ela, não é um monumento se o gato puder derrubá-la. Não importa se ele representa tudo e todos que deveriam ser representados, todas as famílias, mulheres, jovens ou idosas, homens, casados ou não, são monumentos, a família nuclear é um monumento e não há monumento que prove o contrário. Os monumentos são para pessoas, para homens a cavalo, para pessoas, mas não para qualquer um, não para qualquer monumento, para homens com chapéus, bigodes e espadas, como Don Quijote, para homens e cavalos, mas também para homens sem cavalos; porém, para cavalos sem homens, jamais. Ele precisa ser legível, precisa representar uma imagem, uma casca, um busto, um rosto, precisa tentar representar o irrepresentável, e é isso que o monumento é. Esses são antimonumentos, eles podem cair se houver um terremoto, podem escorregar se alguém gritar na frente deles, se alguém suspirar, eles podem cair, e é bom que caíam, estes são monumentos ao fracasso, monumentos à queda.

todos os trabalhos apresentados aqui fazem parte da minha exposição de mestrado intitulada “how to peel an orange” (como descascar uma laranja). apresentada em dezembro de 2023 na galeria D300 na California Institute of the Arts (CalArts), Valencia, Estados Unidos. tive orientação de Michael Ned Holte e participaram da banca Harry Dodge e Lecia Dole-Recio.

as fotos expositivas são de autoria de Gi Ahn e da artista.

a revisão textual é de Rafaela Milara.



1
how to peel an orange or
invisible acts of care

98 orange peels
golden thread
wood

2
a worm that ate the catalog back cover
to escape the european painting tradition
found object

3
anti-index or
leave of absence or
lack of recognition; a strategy of control
48 pages of FPG stock photography catalog
1993 (children, family, groups, couples, men,
women, nudes)
metal holders

4
orange peel conversations;
spoken silences
video
5 minute loop

5
failed monument
wood
rock
glitch

6
soft floor plan of
my living room –
santa clarita 91381
red rosin builders paper